



## *parecer 1*

**parecerista:** rosana aparecida fernandes

### **o jardim da infância do pensamento:**

para onde vão as perguntas quando filosofamos com crianças  
da educação infantil?

#### **autores:**

##### **cínthia de liz carniel**

universidade do planalto catarinense (uniplac), brasil.

e-mail: cinthializ@uniplaclages.edu.br

<https://orcid.org/0009-0005-9007-7080>

##### **vinicius bertoncini vicenzi**

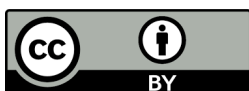
universidade do planalto catarinense (uniplac), brasil.

e-mail: viniciusvicenzi@uniplaclages.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-8208-2131>

#### **como citar este artigo:**

Carniel, C. L., & Vicenzi, V. B. (2025). O jardim da infância do pensamento: para onde vão as perguntas quando filosofamos com crianças da educação infantil? *childhood & philosophy*, 21, 1-23. 10.12957/childphilo.2025.91737



O artigo está bem escrito, tem sensibilidade e estudo.

Mas farei algumas considerações e perguntas:

Qual a distinção entre uma “filosofia com crianças pequenas” e uma “filosofia com crianças”? Como o/a autor/a formula essa distinção?

O artigo apresenta algumas construções que apontam para naturalizações de modos de ser e pensar das crianças, por exemplo, nas seguintes passagens: “As crianças, com seus modos próprios de perguntar, de imaginar e de pensar o mundo, nos revelam aquilo que chamamos de infância do pensamento: esse modo inaugural de existir que ainda não foi moldado, que escapa às formas prontas e se sustenta na curiosidade, no espanto e na invenção” (p. 6-7); “pensar como criança pode ser também uma forma de resistir ao pensamento que apenas repete, que apenas calcula, que apenas serve” (p. 8).

Também tenho dificuldade, hoje, de acompanhar formulações que tratam como excludentes “o agora” e “o futuro”; “a instrução” e a “escuta”; a “avaliação” e o “acompanhamento”. Como nos trechos a seguir: “Jardins que não preparam para o futuro, mas sustentam o agora. Neste jardim da infância do pensamento, a escola não instrui, escuta; não avalia, acompanha; não molda, se deixa afetar” (p. 7); “É nesse respiro que o jardim se reconfigura. Ele já não é pré-escola: é escola de si. Não prepara para depois — sustenta o agora” (p. 10). Por que sustentar o agora implica em não preparar para um futuro? Compreendo a crítica que a/o autor/a deseja estabelecer, mas penso que do modo como está formulado simplifica e não dá ferramentas para quem lê compreender a crítica.

O que está compreendido por democratizante e democratizado? Vejam, por exemplo, os trechos “jardim como território democratizante” (p. 7) e “território mais democratizado” (p. 8). O termo democratização e seus derivados estão tão em disputa e banalizados que considero necessária a conceituação desses termos.

A crítica aos currículos, também penso que não está bem colocada, pois toda proposta de atuação, de condução de aula, de concepção de docência, de curadoria do conteúdo que vamos nos deter com as crianças é uma proposta curricular. “Esse jardim não seria delimitado por cercas curriculares, nem pelos relatórios de desempenho” (p. 8). Os currículos podem, e desejamos que consigam ser, compostos junto com as crianças, entre perguntas e silêncios. Considero que isso é CURRICULAR “Ele se desenha no chão onde as crianças pisam, nos tempos

que inventam, nos pensamentos que escorrem entre perguntas e silêncios. Um jardim onde a infância não é moldada, é escutada, é sentida, é provocada. E, sendo assim, propõe outra escola, outro tempo, outra escuta, outra ética” (p. 8), então pergunto: por que está em contraposição ao curricular?

Também fiquei confusa com os nomes Natan Maromba, Mario, Neymar Jr, Homem Aranha Vermelho, etc., esses nomes surgem no texto sem uma apresentação ou contextualização. E o trabalho feito com as falas das crianças me deixaram incomodada, pois me parecem conclusões de quem escreve, não necessariamente se trata daquilo... Eu não diria, por exemplo, que a seguinte frase coloca o afeto e o julgamento moral em tensão: “Já Homem Aranha Vermelho, ao questionar Ketlen – *“Mas por que ficar com saudade se ele te fez mal?”* –, coloca o afeto e o julgamento moral em tensão (p.9). E por que a seguinte frase, por exemplo, inaugura uma cosmologia...: “É nesse jardim que Mario reflete sobre o invisível: *“Prof, você acredita em coisas invisíveis?”* Ao falar do invisível, Mario não busca explicação: ele inaugura uma cosmologia em que a imaginação é também epistemologia, uma forma de conhecer e se relacionar com o que não se vê, mas se sente” (p. 11).